



Preservação da memória através de representações: o registro de arquiteturas residenciais modernistas da cidade de Ribeirão Preto utilizando a rede social Arquigrafia

Memory preservation through representations: the record of modernist residential architecture in the city of Ribeirão Preto using the social network Arquigrafia

Fernando Gobbo Ferreira*

Resumo

No século XIX, a cidade de Ribeirão Preto (distante 315 quilômetros de São Paulo) concentrou riqueza com as lavouras de café, sendo cenário de arquiteturas que em nada deviam à de outras cidades importantes no interior do Estado de São Paulo. Existem poucos exemplares de casarões e palacetes que restaram na cidade, porém devidamente tombados ou em processo para garantir seu legado. A preservação de tais arquiteturas eventualmente recebe atenção da mídia, conscientizando a população sobre sua importância. A preservação da arquitetura de Ribeirão Preto, não recebe a mesma atenção quando focamos na produção arquitetônica moderna de residências, no início da segunda metade do século XX, cobrindo as décadas de 1950, 1960 e 1970, nunca antes estudada apropriadamente. Este artigo, proveniente das reflexões de uma pesquisa de mestrado em andamento desde 2013, se apoia no estudo, levantamento e questionamento da preservação dessas obras, através de documentos, entrevistas com arquitetos e moradores, e registros fotográficos. Essas casas são de autoria dos primeiros profissionais arquitetos da cidade, em bairros, no princípio, estritamente residenciais. Quando essas residências começam a ser demolidas, cabe ao levantamento e registro de suas representações, apoiados pela rede social Arquigrafia, garantir que esse legado possa ser preservado.

Palavras-chave: Patrimônio Moderno, Levantamento, Arquigrafia, Ribeirão Preto.

Abstract

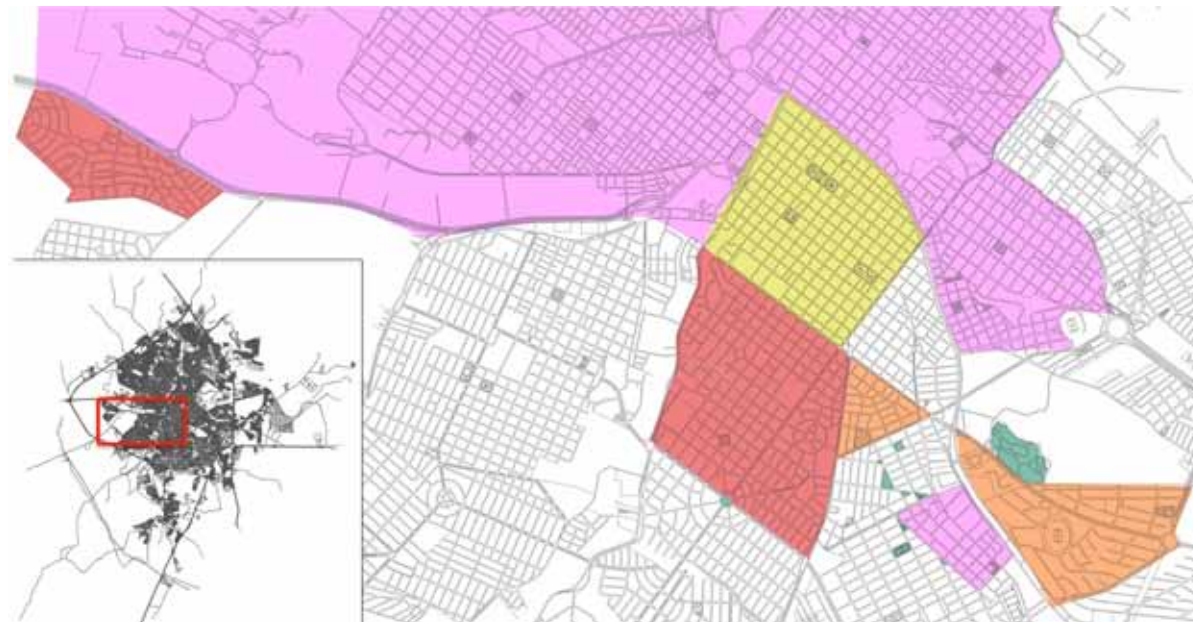
In the XIX century, the city of Ribeirão Preto, in the São Paulo state, southeast region of Brazil, centered wealth from the coffee plantations, being scenery for architectures as interesting as those from other important cities in the inner state of São Paulo. Nowadays, few are the remaining mansions and 'palacetes' in downtown rightly conserved. The preservation of these architectures receive eventual media focus, in an effort of bringing awareness to the city's population about its importance. When we focus on the preservation of the modern residential architecture production, in the beginning of the second half of the XX century, spanning the 1950's, 1960s and 1970's, Ribeirão Preto's architecture does not receive the same attention, and is not properly studied yet. This article, the reflection of an ongoing masters research, is supported by a preservation questioning, through documentation, interviews with architects and dwellers, and photographs. The analyzed houses are authored by the prime professional architects headquartered in the city, in neighborhoods, at the beginning, strictly residential. When these dwellings begin to be demolished, it is up to the research and the registers of the representations, supported by the social network Arquigrafia, to guarantee that this legacy can be preserved.

Keywords: Modern Patrimony, Record, Arquigrafia, Ribeirão Preto.

*Arquiteto e urbanista formado no Centro Universitário Estácio UniSEB, Ribeirão Preto-SP (2010). Atualmente cursando Mestrado na área de Tecnologia da Arquitetura, Linha: Processo de Produção da Arquitetura e do Urbanismo / Representações, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo (FAUUSP), onde também atua como membro do grupo de pesquisa CNPq "Representações: Imaginário e Tecnologia".

1. Arquitetura moderna em Ribeirão Preto: uma breve introdução

Figura 1: Mapa atual da cidade de Ribeirão Preto. A área em amarelo diz respeito ao chamado “quadrilátero central” (delimitado pelas avenidas Nove de Julho, Francisco Junqueira, Jerônimo Gonçalves e Independência), enquanto a área em cor-de-rosa tange a mancha urbana desenvolvida até a metade do século XX (os bairros originários do Núcleo Senador Antônio Prado, a norte, e o bairro Santa Cruz do José Jaques, a sudeste). As áreas em vermelho são, respectivamente, os bairros Jardim Recreio, Jardim Sumaré e Alto da Boa Vista, e em laranja, Jardim América e Ribeirânia: zonas de expansão urbana a partir da década de 1950. Fonte: mapa de setores da Prefeitura de Ribeirão Preto (modificado pelo autor).



A cidade de Ribeirão Preto, fundada em 1889, já no século XIX, era a maior produtora de café do nordeste do Estado de São Paulo (Calil, 2003; p.56). A população mais rica da cidade se concentrava na área central (figura 1), em uma dua-

lidade residencial peculiar à fonte de suas riquezas: os abastados fazendeiros possuíam uma casa na fazenda e outra na cidade.

Os casarões e palacetes contrastavam com a arquitetura mais simples dos bairros vizinhos ao “quadrilátero central”, criados a partir da primeira área ocupada pelos imigrantes do outro lado do ribeirão Preto, o antigo Núcleo Senador Antônio Prado. Os bairros frutos desse núcleo urbano (Jardim Paulista, Campos Elísios, Ipiranga, dentre muitos outros) apresentavam uma arquitetura residencial diferente da região central e do eixo de crescimento sul, pois foi construída pela própria população, assalariada e de baixo rendimento, na maioria das vezes sem a ajuda de um profissional com formação de nível acadêmico superior.

Essa diferença arquitetônica residencial pode ser verificada ainda hoje. Enquanto as zonas norte e nordeste (habitadas inicialmente pelos imigrantes)

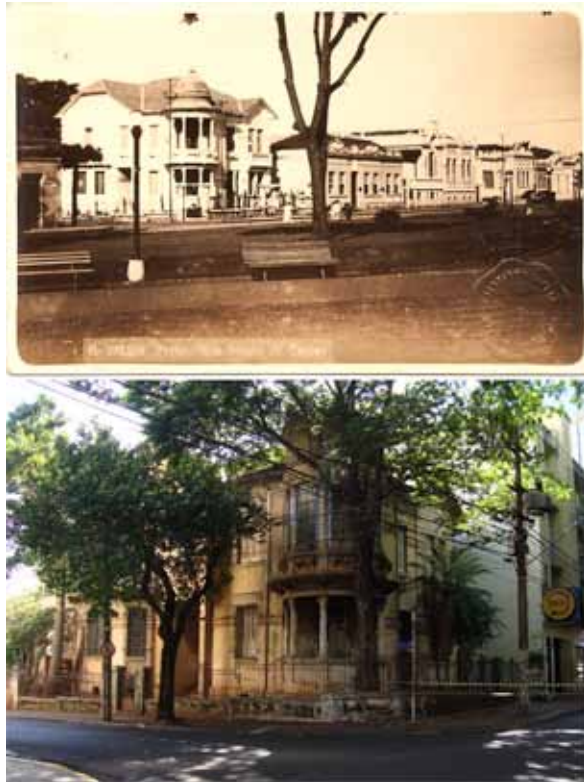


Figura 2: Nas fotografias acima, Palacete Camilo de Mattos visto da Praça XV, em primeiro plano, no centro de Ribeirão Preto. Residências que se destacavam individualmente. Fonte: Arquivo Histórico de Ribeirão Preto (1922/1930). À direita, foto atual do Palacete Camilo de Mattos. Fonte: acervo do autor (02/2014).

1. Em 1929 ocorre a Crise da Bolsa de Valores de Nova York, afetando negativamente toda a produção industrial do Brasil e do Mundo. Em Ribeirão Preto não poderia ter sido diferente, principalmente ao se levar em conta a pujança e importância da produção cafeeira do município. No entanto, as informações acerca do real impacto da

crise, bem como do retorno do vigor econômico da cidade, entre 1929 e 1950, são díspares. Enquanto algumas fontes informam que o município demorou de fato até o início da década de 1950 para se recuperar da crise, outras fontes relatam que a crise não atingiu a cidade com a mesma intensidade que no restante do Brasil.

apresentavam casas de características homogêneas e parecidas entre si, as casas localizadas na área central, habitadas pelos fazendeiros e comerciantes, se destacavam individualmente no entorno, apresentando requinte construtivo e variedade de formas. Mesmo a escala de tais residências é diferente da simplicidade das casas dos imigrantes. O poder financeiro e cultural de tais proprietários no centro da cidade, os colocavam em posição privilegiada, podendo contar com profissionais de projeto e mão de obra civil numerosa, além de mais recursos financeiros (figura 2).

Nas primeiras décadas do século XX, a cidade cresceu em ritmo acelerado. Em 1937, Ribeirão Preto possuía 549 empresas instaladas, com cerca de 8960 funcionários (Calil, 2003; p.62). Nessa mesma época, começou o processo de verticalização da área central, com a inauguração do primeiro edifício alto da cidade, o Edifício Diederichsen. Em contrapartida à construção de grandes edifícios, a demolição de chácaras e a abertura de novos loteamentos possibilitaram a construção de residências com terrenos de escala maior, com jardins nos recuos laterais e frontal.

Em fins da década de 1940, a cidade de Ribeirão Preto voltou a crescer economicamente, dando sinais de recuperação depois de anos de recessão pós-crise de 1929¹. A área central da cidade passou por um rápido processo de verticalização. Ao mesmo tempo em que se expandiu em direção à Avenida Independência (leste do “quadrilátero

central”, ver figura 1), também se expandiu para o sul, chegando até a Avenida Nove de Julho. Nessa época, começou o processo de deslocamento da população de maior poder aquisitivo, residente até então no Centro, para os novos loteamentos de expansão sul, contíguos à Avenida Nove de Julho (os bairros Jardim Sumaré e Alto da Boa Vista, estritamente residenciais). O fato provocou impacto na arquitetura da avenida, com a construção de inúmeras residências unifamiliares.

A demanda por residências unifamiliares na cidade, fruto desse deslocamento da população do centro, coincidiu com uma mudança na profissão de Arquitetura. Em 1947, aconteceu a separação dos cursos superiores de Engenharia e Arquitetura em São Paulo, com a criação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, e no ano seguinte, 1948, na Universidade de São Paulo (USP). Em decorrência desse fato, as duas primeiras turmas de arquitetos e urbanistas se formaram no início da década de 1950, em São Paulo, em ambas as escolas (em 1950 e 1952, respectivamente). Dessas primeiras turmas, chegaram a Ribeirão Preto os arquitetos Cássio Pinheiro Gonçalves e Ijair Cunha, além do arquiteto Manoel Carlos Gomes de Soutello, formado na primeira turma de engenheiros-arquitetos, em 1939, no Mackenzie.

Além da demanda por residências unifamiliares, a verticalização da área central, a consolidação do novo campus da USP na zona oeste de Ribeirão



emblemático: se edifícios grandes são abandonados ou reformados, sem que o partido arquitetônico original seja respeitado, isso comparece de maneira ainda mais grave na conservação de residências.



Figura 4: Ruínas do Hotel Umuarama, em Ribeirão Preto. Projeto da década de 1960, do engenheiro Hélio Fóz Jordão. Exemplar modernista abandonado. Fonte: Acervo de Larissa França Peres (12/2013).

Desde que o levantamento de residências modernistas começou, compreendendo o período entre as décadas de 1950 e 1970, que guia a pesquisa de mestrado relacionada ao presente artigo, muitas casas foram reformadas, descaracterizadas ou demolidas, identificadas através de escassa bibliografia³ e registros fotográficos in loco.

A principal produção de residências da década de 1950, é dos arquitetos Ijair Cunha e Cássio Pinheiro Gonçalves. Os arquitetos, formados nas primeiras turmas da FAUUSP e FAU Mackenzie respectivamente, trabalharam sozinhos durante alguns anos, até resolverem unir forças em um mesmo escritório. Ijair Cunha, em especial, pos-

Figura 3: Os três projetos em Ribeirão Preto publicados na Revista Acrópole na década de 1950: produção modernista marcando a paisagem. Fonte: MELLO, Ícaro de Castro. Anteprojeto do Gymnasium para a Prefeitura de Ribeirão Preto. Acrópole, São Paulo, n. 162, out. 1951, p. 201-206. Disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/162> Acesso em 10 out. 2016; GONÇALVES, Oswaldo Corrêa. Edifício SESC-SENAC de Ribeirão Preto. Acrópole, São Paulo, n. 220, fev. 1957, p. 119-123. Disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/220> Acesso em 10 de out. 2016; GONÇALVES, Oswaldo Corrêa. Edifício IAPB em Ribeirão Preto. Acrópole, São Paulo, n. 232, fev. 1958, p. 134-135. Disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/232> Acesso em 10 de out. 2016;

2. Pode-se ler no web-site da SAJAR, Associação dos Moradores do Jardim Recreio <<http://www.sajar.com.br>>, um breve texto sobre a história do bairro. Os referenciais do loteamento eram o Colégio Vita et Pax, o Umuarama Recreio Hotel, áreas cedidas pelo loteador, e a recém criada Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto.

O Hotel Umuarama foi, durante décadas (1962 – 1994), referência turística de Ribeirão Preto. Nele hospedavam-se autoridades, artistas e os grandes clubes de futebol, tais como a Seleção Brasileira e o Santos FC, na época do Pelé, que vinham disputar campeonatos com os tradicionais times da cidade: Botafogo FC e Comercial FC.

Preto, a construção de escolas, ginásios esportivos e novos loteamentos, resultou em grande atuação na cidade das primeiras gerações de arquitetos e urbanistas, cuja produção modernista marcou a paisagem de Ribeirão Preto nas décadas de 1950, 1960 e 1970 (figura 3).

2. Mudança dos tempos: patrimônio moderno (ou: como lidar com tombamento)

Se edifícios mais antigos de Ribeirão Preto, sobreviventes às transformações da cidade, anteriores à segunda metade do século XX, recebem foco da mídia, através de reportagens em jornais e televisão, no que diz respeito à conservação de suas arquiteturas, o mesmo não pode ser dito da arquitetura construída na cidade a partir da década de 1950. Nesse sentido, o estado de conservação do edifício do Hotel Umuarama (figura 4), no bairro Jardim Recreio², é



Figura 5: Acima à esquerda, foto da 1ª Residência José Penteado, projeto de 1955 do arquiteto Ijair Cunha. Fonte: acervo do arquiteto Valter Luís Secco Félix (1987). Acima à direita, foto atual do local onde antes existia a residência, na Avenida Nove de Julho. Fonte: acervo do autor (02/2014).



suí prolífica produção, com muitos projetos de residências no bairro Jardim Sumaré (primeira expansão sul da cidade). Para citar um exemplo, a 1ª Residência José Penteado (figura 5), projetada e construída em 1955 na Avenida Nove de Julho, possuía atributos similares aos explorados em projetos de São Paulo na época, publicados e divulgados pela Revista Acrópole, cujos exemplares tangiam principalmente a obra de um importante professor de Cunha, o arquiteto João Batista Vilanova Artigas (as coberturas inclinadas e volume elevado da casa, lembram, por exemplo, a Residência Czapski, de 1949).

Talvez o projeto residencial mais importante da década de 1950, para a arquitetura modernista de Ribeirão Preto, seja a Residência Costa Couto (figura 6), conhecida na cidade como a “Casa das Paineiras”, uma das primeiras casas projetadas na parceria entre Cássio Pinheiro Gonçalves e Ijair Cunha, em 1959. A respeito do projeto, a

arquiteta Rita Fantini, pesquisadora da obra dos arquitetos, escreve:

A “Casa das Paineiras”, projeto de Ijair Cunha, foi durante muito tempo um ponto de referência na cidade, através do impacto ocasionado por esta construção. Construída na ponta de uma quadra, sobre um terreno triangular e de topografia bastante acidentada, onde existiam quatro paineiras que foram cuidadosamente preservadas e envolvidas pela construção. A implantação, resolvida com a intenção de privilegiar os visuais, e aproveitar ao máximo as características naturais do terreno, resolve-se a partir de uma organização radial de cujo centro partem três blocos resolvidos em três níveis diferentes: o bloco de serviço paralelo à rua, a área íntima perpendicular a esta, e a área social cuja extensão é resolvida através de lajes que envolvem o estar e que “abraçam” as quatro paineiras. (...) Considerada um dos marcos da arquitetura moderna na cidade, a Casa das Paineiras foi reconhecida como um exemplo de respeito às condições do lugar. (Fantini, 1996; p.16)

De acordo com a arquiteta Marta Cunha, filha de Ijair, fotos da casa foram utilizadas como cartão postal de Ribeirão Preto⁴.

Com o passar das décadas, os bairros onde essas primeiras residências modernistas foram construídas sofreram mudanças de uso, adensamento, influência de equipamentos e fluxos

3. Devido ao ineditismo dessa pesquisa, poucas foram as fontes bibliográficas encontradas que tratassem da produção arquitetônica modernista na cidade de Ribeirão Preto. Embora existam excelentes exemplos de trabalhos que lidam com tema similar (o mestrado da arquiteta Marlene Milan Acayaba, por exemplo), foram os Trabalhos Finais de Graduação (TFGs)

e acervos pessoais de arquitetos da cidade que mais contribuíram para o aprofundamento do levantamento.

4. As fotos da casa que serviram de cartão postal, seguidas da afirmação, se encontram no Trabalho Final de Graduação da arquiteta, apresentado em 1995, no Centro Universitário Moura Lacerda (ver referência ao final do artigo).



Figura 6: Em primeiro plano, Residência Costa Couto, a “Casa das Paineiras”, projeto de 1959 dos arquitetos Ijair Cunha e Cássio Pinheiro Gonçalves. Em segundo plano, o Edifício Nove de Julho, projeto de 1962 do arquiteto Gian Carlo Gasperini. A casa foi demolida em 1976, devido ao processo de verticalização da área, trecho inicial da Avenida Nove de Julho. Fonte: Acervo do fotógrafo Tony Miyasaka (fotografia registrada entre 1962 e 1976).

5. O engenheiro Luiz Gonzaga Maffei afirmou em entrevista ao autor, que Jordão afirmava que a influência da arquitetura norte-americana na casa era “latente”, sendo a arquitetura de Frank Lloyd Wright uma grande inspiração.

viários que resultaram em uma mudança de cenário, em alguns casos, radical. A figura 6 ilustra bem esse processo: a iminência da verticalização no trecho inicial da Avenida Nove de Julho, mais próxima à área central. É de suma importância o reconhecimento da inevitabilidade da mudança nos centros urbanos, e seu reflexo nas arquiteturas que os compõem: assim como todas as coisas possuem um tempo de vida determinado, na arquitetura esse tempo também existe. Quando esse tempo chega ao fim, seja por demanda de seus usuários, ou por uma demanda extra-arquitetônica, da “mudança dos tempos”, cabe à arquitetura se adaptar, ser transformada para atender novo uso, ou ser destruída para dar lugar a uma nova arquitetura.

Ao final do século XX, os bairros em que essa produção arquitetônica residencial modernista, produzida principalmente entre as décadas de 1950 e 1970, mais comparece, sofreram mudanças de uso, passando de bairros estritamente residenciais para de uso misto.

Esse fato levou a uma transformação das arquiteturas características do período, com exemplos emblemáticos como da Residência Teresa Rizzo (figura 7), conhecida popularmente como “Casa sem Portões”, que ocupava um lote de esquina entre as avenidas Independência e Itatiaia, na convergência dos bairros Jardim Sumaré e Alto da Boa Vista. A casa se manteve por um período de 50 anos, intacta, tanto em concepção quan-

to em conservação. De influência “Wrightiana”⁵, o projeto arquitetônico de autoria do engenheiro Hélio Fóz Jordão (o mesmo projetista do Hotel Umarama e do plano para o bairro Jardim Recreio), chamava a atenção por ter se mantido desprovida de portões ou muros.



Figura 7: Acima, Residência Teresa Rizzo, projeto de 1963 do engenheiro Hélio Fóz Jordão. Fonte: acervo da arquiteta Rita Fantini (ano desconhecido). Abaixo, agência bancária construída no local em que antes estava a casa, demolida parcialmente e utilizada para a composição do novo edifício. Fonte: acervo do autor (05/2013).

O choque que tais residências causavam à época de suas concepções, e ainda causam pela cora-



Figura 8: Acima, fotografia da 1ª Residência Luiz Bueno Brandão, projeto de 1967 dos arquitetos Francisco Segnini Júnior e Joaquim Cláudio Barretto. Fonte: acervo do arquiteto Valter Luís Secco Félix (1987). Abaixo, fotografia da casa reformada e transformada em um edifício de uso comercial. Fonte: acervo do autor (05/2013).

6. Os arquitetos ainda projetariam uma segunda residência para esse mesmo cliente, em 1975, no bairro Ribeirão.

gem e quebra de paradigmas que seus atributos apresentavam (abstração formal, ausência de “estilos” arquitetônicos, ruptura ou quase-ruptura entre espaços internos e externos, etc) fazem com que o cidadão reflita sobre o papel da arquitetura nos centros urbanos, contribuindo para a construção de uma memória e ideia de cidade. Através de exercícios projetuais, as idiossincrasias são colocadas em cheque: como é possível que uma casa aberta para a cidade, ou seja, um espaço privado cujas linhas de divisa são tênues com o espaço público, ainda traga o mesmo conteúdo apresentado no restante do entorno, casas com portões e grades?

Projetos de residências são registros do imaginário de uma época, e em um primeiro momento, sua conservação parece ser urgente. Por representarem estatisticamente a maior parcela dentre os edifícios de nossas cidades, sua importância na qualidade de nossos centros urbanos é relevante. A frase proferida algumas vezes pelo arquiteto Vilanova Artigas, “A casa (...) não termina na soleira da porta” (ARTIGAS, 2004; p.189), sintetiza a importância com que o programa da habitação, vinculado por demais vezes ao aspecto privado de nossa sociedade, tem como papel definidor no espaço público.

Ansiosos para resolver as problemáticas habitacionais de nosso país, essas primeiras gerações de arquitetos modernistas, atuantes também em Ribeirão Preto, testavam conceitos e novas

maneiras de interpretar como o homem vive e se relaciona com a sociedade, através de projetos de casas, cuja relação com a cidade era colocada com muita importância. Esses jovens arquitetos e urbanistas estavam atentos não apenas à relação de implantação que essas casas teriam dentro da malha urbana, mas também a uma outra relação, igualmente importante, de nível social, de quebra de paradigmas.

Além de Ijair Cunha e Cássio Pinheiro Gonçalves, outra dupla de arquitetos possui uma importante obra residencial em Ribeirão Preto, projetada e construída nas décadas de 1960 e 1970. Os arquitetos Francisco Segnini Júnior (formado em 1965 na FAUUSP) e Joaquim Cláudio Barretto (formado em 1967 na FAU Mackenzie), iniciaram suas carreiras com as residências Maurício Marcondes (figura 9) e Luiz Bueno Brandão (figura 8), casas equidistantes em apenas uma quadra no bairro Jardim Sumaré.

A 1ª Residência Luiz Bueno Brandão⁶, hoje reformada e descaracterizada, ilustra bem a questão da quebra de paradigmas que permeia essa produção arquitetônica a partir da segunda metade do século XX. Um dos atributos que mais chama a atenção na volumetria da casa, é a importância que o dormitório de empregados tem na distribuição programática, único ambiente a ocupar o pavimento superior do edifício, ligado ao nível térreo por uma escada helicoidal externa de concreto aparente, se colocando como elemento de



Figura 9: Na foto à esquerda, Residência Maurício Marcondes, projeto de 1966. E à direita, Residência Anderson Gattás, projeto de 1970. Ambos projetos dos arquitetos Francisco Segnini Júnior e Joaquim Cláudio Barretto em Ribeirão Preto. As casas encontram-se perfeitamente preservadas. Fonte: acervo do autor (09/2011 e 03/2012).

7. Como na Residência Roberto Millan, por exemplo, projeto de 1960 do arquiteto Carlos Millan. Na casa, localizada no bairro Alto de Pinheiros em São Paulo, o dormitório de empregados ocupa

o mesmo pavimento dos demais dormitórios, no nível superior, possuindo, inclusive, sua própria escada externa de concreto aparente, protagonista na volumetria.

destaque na paisagem. Tal estratégia, correlata a outros projetos da época⁷, evidencia a vanguarda com que essas casas eram imaginadas.

A 1ª Residência Luiz Bueno Brandão, não é um caso isolado. Muitas das casas projetadas e construídas em Ribeirão Preto estavam afinadas com esse pensamento de vanguarda, discutidos naqueles anos das décadas de 1950, 1960 e 1970 principalmente em São Paulo. A Residência Anderson Gattás (figura 9), outra casa projetada pelos arquitetos Segnini e Barretto, no bairro Alto da Boa Vista, mostra claramente a preocupação com o arranjo programático e construtivo em sintonia com as discussões da época (empenas laterais cegas, como na 2ª Residência Taques Bittencourt, projetada por Vilanova Artigas em 1959, aberturas utilizando o esquema bipartido, como em alguns projetos residenciais do arquiteto Joaquim Guedes, etc).

Reconhecidos os valores intrínsecos a essas arquiteturas, qual deve ser então o papel da pesquisa na preservação desses projetos? Enquanto é perfeitamente plausível optar pelo tombamento de um edifício cultural, afim de garantir que suas características originais jamais sejam alteradas, essa mesma estratégia pode ser utilizada para as residências? Quando analisadas isoladamente, todas as arquiteturas que ainda preservem as características caras à sua importância em determinado período no tempo, justificados perante a história oficial, podem ser tombadas pelo patrimônio histórico. No entanto, quando se começa

a analisar uma produção pela ótica do fenômeno, de um universo de arquiteturas, de uma porcentagem construída urbana considerável, o tombamento se coloca como “engessamento”, e não mais como preservação. Afinal, não seria viável viver em uma cidade onde centenas de casas se transformaram em museus e centros culturais, por exemplo, perante uma demanda abissal por habitações e infraestrutura básica em nosso país.

Se a preservação física dessas arquiteturas parece inviável do ponto de vista patrimonial, a contribuição que esses projetos tiveram, e continuam a ter, dentro de como a arquitetura se coloca no espaço urbano (como uma implantação pode criar discussão sobre espaço público e privado, como uma distribuição programática pode dialogar com igualdade social, etc) se cristaliza, e mostra sua importância perante o panorama do repertório arquitetônico moderno brasileiro. A preservação dessa produção residencial pode se dar através do resgate de suas representações, latentes de atributos que valem a pena preservar, por enriquecerem uma produção já reconhecida mundialmente e acrescentarem novos nomes, novas arquiteturas, novas soluções, interpretações e novos lugares.

3. Arquiteturas sobreviventes: o uso da rede social Arquigrafia

Nenhuma arquitetura é eterna. No entanto, existe uma maneira de alcançar a imortalidade através



Figura 10: Residência Waldo Perseu Pereira, localizada no bairro Jardim Guedala em São Paulo, projeto de 1966 dos arquitetos Joaquim Guedes e Liliana Marsicano. Na imagem à esquerda, fotografia da casa quando de sua conclusão. Fonte: acervo do arquiteto José Moscardi. Na imagem à direita, fotografia recente da casa, depois de uma reforma que descaracterizou a arquitetura. Fonte: acervo da arquiteta Thalita Ambrogi (disponível em <<http://www.arquiteturabrutalista.com.br>>).



de suas representações, seja através de desenhos, textos, fotografias, modelos físicos ou eletrônicos. Embora nenhuma delas possa substituir a experiência da arquitetura satisfatoriamente, a leitura atenta de todas elas é capaz de passar ao observador seu sentido, sua importância e seu legado. Um exemplo recente, é o da Residência Waldo Perseu Pereira, em São Paulo (figura 10).

Recentemente, a Residência Waldo Perseu Pereira, um dos projetos residenciais mais emblemáticos dos arquitetos Joaquim Guedes e Liliana Marsicano, passou por uma reforma que descaracterizou e transformou a arquitetura. Seria esse um fato condenável ou inevitável? Mudança dos tempos? Independente da mudança pela qual essa arquitetura passou, a casa foi publicada mais de uma vez ao longo dos anos, principalmente no livro “Residências em São Paulo: 1947 - 1975” da arquiteta Marlene Milan Acayaba, bibliografia obrigatória para entender a arquitetura residencial modernista na capital paulista. Graças ao esforço de Acayaba, em compilar uma

quantidade massiva de informações sobre o projeto, que tange desde os desenhos técnicos (uma espécie de as-built) até fotografias e informações complementares que as fotografias em preto e branco não mostram (cores, texturas, materiais), mesmo que hoje já não seja mais possível visitar a arquitetura tal como foi pensada por Joaquim e Liliana, é possível construir modelos físicos e eletrônicos, fazer leituras projetuais através das fotografias, informações e desenhos técnicos disponíveis (figura 11). A preservação da memória do projeto, enquanto processo de conhecimento e cultura arquitetônica, está garantida.



Figura 11: Modelo eletrônico da Residência Waldo Perseu Pereira, desenvolvido pelo arquiteto italiano Giuseppe Dotto. O trabalho foi desenvolvido em 2014, como parte dos estudos que resultaram na exposição Salone del Restauro Ferrara 2014, da Facoltà di Architettura di Ferrara (FAF). Sob certo aspecto, o projeto da casa sobreviveu à reforma. Fonte: página da rede social Facebook dedicada à obra do arquiteto Joaquim Guedes (acessada em 10/2016).

O caso da Residência Waldo Perseu, evidencia uma corrida contra o tempo. Desde que o levam-

8. Foram considerados os bairros: Jardim Sumaré, Alto da Boa Vista, Jardim Recreio, Jardim América e Ribeirânia, já que esses eram os bairros onde a população de nível sócio-econômico elevado residia, durante o período das décadas de 1950, 1960 e 1970.

Figura 12: Residência Leontino Balbo, projeto de 1970 do arquiteto Orlando Barbosa, no bairro Jardim Sumaré, em Ribeirão Preto, a primeira residência em estrutura metálica da cidade. Na imagem à esquerda, registro de 1987, quando a casa ainda conservava sua arquitetura original. Fonte: acervo do arquiteto Valter Luís Secco Félix (1987). Na imagem à direita, fotografia recente, mostrando reforma que descaracterizou o edifício e o transformou em um comércio. Fonte: acervo do autor (08/2015).



tamento da arquitetura residencial modernista de Ribeirão Preto começou, como parte da pesquisa de mestrado que move esse artigo, em 2013, diversas foram as fotografias que registraram os últimos momentos de arquiteturas antes de sua demolição ou reforma. O processo de transformação dos bairros Jardim Sumaré e Alto da Boa Vista em Ribeirão Preto, de uso residencial para comércio, tem acelerado cada vez mais, gerando processos de abandono, demolição e reforma de muitas casas, dentre essas, de residências projetadas entre as décadas de 1950 e 1970, por arquitetos e urbanistas ligados ao pensamento de vanguarda (figura 12). Como garantir que esses projetos possam ter o mesmo destino de preservação, não física mas projetual, que o caso da Residência Waldo Perseu Pereira? Primeiro passo: reconhecimento e registro fotográfico.

O *Street View*, ferramenta da plataforma Google, possibilitou o planejamento das visitas in loco, para fotografar as casas, vistas da rua, parte do processo de levantamento adotado na pesquisa do mestrado. Com os mapas e imagens online



em mãos, foi possível traçar rotas e conhecer a fundo o plano dos bairros a serem investigados⁸, além de possibilitar a identificação das arquiteturas residenciais com mais calma e sem a urgência do registro ao vivo. O planejamento possibilitou determinar metas, como residências a serem registradas a priori, e análise das mudanças que o entorno sofreu em relação a imagens expostas no *Street View* (principalmente quando existia uma comparação com fotografias antigas das casas encontradas na bibliografia pesquisada).

Para as fotografias foram utilizadas câmeras digitais, que possibilitassem realizar o upload dos registros de maneira rápida no computador. De acordo com o planejado no *Street View*, algumas ruas foram visitadas mais de uma vez, para captar o melhor ângulo e iluminação, que contribuissem para que ficassem registradas nas fotografias as características que levaram tais arquiteturas a serem consideradas. Algumas áreas dos bairros possuem intenso tráfego de veículos, fato que demandou planejamento.

A posição e ângulos das fotos das casas eram reveladores, e registravam características singulares de cada projeto. As fotografias eram realizadas de onde era possível enxergar de maneira mais evidente o atributo arquitetônico que valeria registrar, ou que deveria ser registrado.

De posse dos registros fotográficos, uma base de dados de armazenagem e de atribuição de

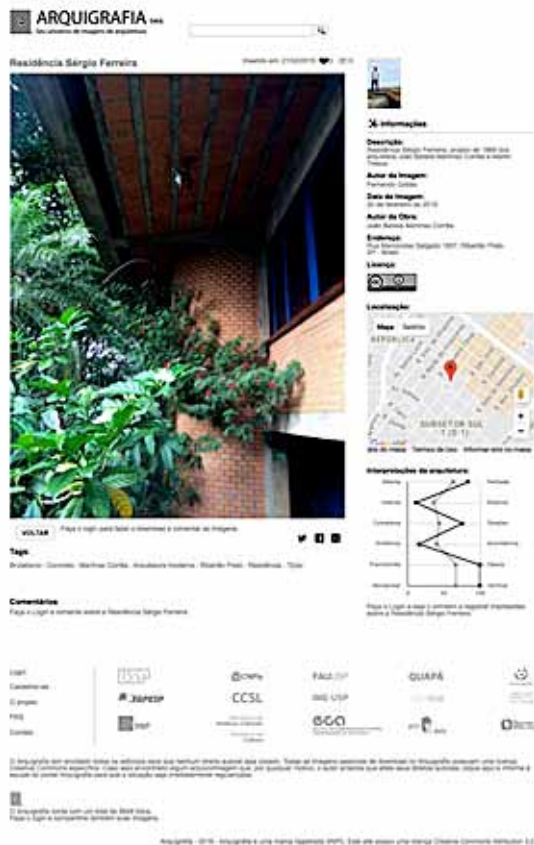


Figura 13: Imagem que ilustra o uso do ambiente colaborativo e rede social do Arquigrafia no levantamento das residências de Ribeirão Preto. As fotos são geo-referenciadas, e permitem contribuições de informações de qualquer usuário. Fonte: Captação de tela (10/2016) no web-site <<http://arquigrafia.org.br>>.

9. Texto disponibilizado na descrição do projeto, no web-site <<http://arquigrafia.org.br>>.

informações ajudou a organizar o material levantado. A rede social Arquigrafia possibilitou a organização de todas as fotos de maneira rápida, disponibilizando o levantamento online, com informações importantes como endereço, data de registro, data de upload e dados da arquitetura, que poderiam ser editados e completados conforme a pesquisa avançava.

O ARQUIGRAFIA é um ambiente colaborativo digital público, sem fins lucrativos, dedicado à difusão de imagens de arquitetura, com especial atenção à arquitetura brasileira. Este projeto é desenvolvido na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), em parceria com o Instituto de Matemática e Estatística (IMEUSP) e a Escola de Comunicação e Artes (ECAUSP). Abrigado desde 2012 no Núcleo de Apoio à Pesquisa em Ambientes Colaborativos na Web (NaWEB), o ARQUIGRAFIA recebeu ao longo de sua história apoio da RNP, da FAPESP, do CNPq e das Pró-Reitorias de Pesquisa e de Cultura e Extensão da USP. O objetivo principal deste projeto é contribuir para o estudo, a docência, a pesquisa e a difusão da cultura arquitetônica e urbanística, ao promover interações colaborativas entre pessoas e instituições na Internet.⁹

Além de provar ser uma ferramenta importante no processo, o compartilhamento online do levantamento em progresso, possibilitou a divulga-

ção do trabalho, e a decorrente ajuda, interesse da comunidade acadêmica e usuários da rede social pela pesquisa. A proposta de reunir um universo de imagens de arquiteturas, totalmente colaborativo, e colocar todas as imagens em um mesmo pé de igualdade, sejam imagens do acervo da biblioteca da FAUUSP, do acervo de fotógrafos como Cristiano Mascaro e Nelson Kon, ou de arquiteturas anônimas, possibilita que o desvelamento de muitos nomes, muitos projetos e muitas propostas perdidas na história não oficial, ganhem notoriedade.

Postar no Arquigrafia, fotografias das casas modernistas de Ribeirão Preto, projetos que nunca foram publicados ou divulgados, de autoria de diversos arquitetos com uma obra que em nada deve a seus contemporâneos, é o primeiro passo para evitar que essas arquiteturas caiam no esquecimento (figura 13).

Até Dezembro de 2016, já foram registradas, e postadas no web-site, mais de trezentas imagens relacionadas ao levantamento, compreendendo mais de quarenta residências pertencentes ao período de três décadas estudado. O caráter emergencial que o registro fotográfico assume, uma corrida contra o tempo (contra a inevitável mudança dos tempos), tem na ferramenta Arquigrafia um grande apoio, possibilitando o levantamento e compartilhamento quase instantâneo da herança arquitetônica residencial de Ribeirão Preto, colaborando não só para o entendimento

desse legado no município, entre as décadas de 1950 e 1970, mas também a importância de sua preservação, particularidades, semelhanças e diferenças no escopo da produção arquitetônica moderna no Brasil.

Essa estratégia, que toma o Arquigrafia, não apenas como uma base organizadora de dados, mas como um ambiente colaborativo, com usuários institucionais e particulares e, ao mesmo tempo, de divulgação e difusão, é o primeiro passo de um modelo de preservação do legado arquitetônico que pode ser multiplicável, aplicado a qualquer município. Considerando que a investigação da obra dos arquitetos atuantes em Ribeirão Preto a partir da década de 1950, se desdobra também para outros municípios¹⁰, pode-se supor que a produção arquitetônica no interior do estado de São Paulo, oculta mais projetos interessantes. Arquiteturas silenciosas, cujo legado não pode ser esquecido. Cabe aos pesquisadores redescobri-las.

Referências bibliográficas

ACAYABA, Marlene Milan. **Residências em São Paulo: 1947 - 1975**. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2011.

ARTIGAS, João Batista Vilanova. **Caminhos da Arquitetura**. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

CALIL, Ozório. **O Centro de Ribeirão Preto: os processos de expansão e setorização**. Disserta-

ção (Mestrado em Tecnologia do Ambiente Construído) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2003.

FANTINI, Rita de Cássia. **A terceira geração e seu papel na difusão do movimento moderno em São Paulo**. Trabalho de aproveitamento para a disciplina "Seminários de Arquitetura Contemporânea" (programa de pós-graduação em Teoria e História) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 1996.

FÉLIX, Valter Luís Secco. **Breve quadro da arquitetura residencial do período de 1954 - 1985 em Ribeirão Preto**. Trabalho final de graduação - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, 1987.

MURAKAWA MIYASAKA, Teresa Keiko; MIYASAKA, Elza Luli. **Ribeirão Preto pelo olhar de Tony Miyasaka**. Ribeirão Preto: São Francisco Gráfica e Editora, 2006.

SANTOS, Marta Cunha. **Ijair Cunha, uma contribuição modernista**. Trabalho final de graduação - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário Moura Lacerda, Ribeirão Preto, 1995.

ZEVI, Bruno. **Saber Ver a Arquitetura**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

10. Cássio Pinheiro Gonçalves tem obras em São José do Rio Pardo, Segnini e Barretto tem obras em Araraquara, além de outros nomes como de José Alberto Soares, por exemplo, que além de uma obra residencial interessante na década de 1970 em Ribeirão Preto, tem uma prolífica obra em Mococa.